

**BIOPOLITICAS: VIDA BIOLÓGICA, VIDA FUNCIONAL, VIDA INTENSIVA.  
UMA PESQUISA SOBRE ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO POLÍTICA DA VIDA NO  
CONTEMPORÂNEO**

**Prof. Dr. Rogério da Costa Santos**  
**Linha de Pesquisa - 1**

**Resumo:**

O objetivo dessa pesquisa é demonstrar que nossa atualidade se constrói na dinâmica entre cuidado de si (biopolíticas de regulação da vida) e uso (ou abuso) de si (biopolítica da produtividade econômica), ou seja, duas formas de atuação de dispositivos e estratégias que investem em indivíduo que calcula suas decisões segundo os princípios de custo/benefício. Além disso, pretende investigar de que forma as redes sociais funcionam como estratégias de contra-conduta a esses dispositivos, na medida em que interferem nos elementos de decisão dos indivíduos.

Diz-se da biopolítica, como governo da vida, como promoção de condutas reguladoras da vida, que sua eficiência supõe a formação de discursos de verdade sobre a vida, e que seriam vários os agentes que contribuem para que os indivíduos exerçam sobre si mesmos ações de forma a se conduzir segundo tais condutas (mídia, descobertas científicas, especialistas de todo tipo, empresas farmacêuticas, teorias sobre o meio ambiente, campanhas de governo, etc). Uma das teses que sustenta a eficiência desses discursos de verdade se baseia nos avanços da biomedicina, que alimenta um cenário no qual os indivíduos devem, como parte de suas responsabilidades, gerir suas próprias vidas diante dos riscos e de suscetibilidades das quais podem ser vítimas. Em que medida os indivíduos respondem de fato a esses estímulos? Em que medida essa biopolítica traduz (como pensava Foucault) a racionalidade econômica neoliberal, que se funda na análise das decisões dos indivíduos sobre o uso de seus recursos, em função da busca de benefícios e da aversão às perdas? Para além do capital humano e social, estamos diante do capital saúde (biocapital)? Como repensar a retórica do risco? Que formas podem assumir aqui as contra-condutas de indivíduos e grupos? Estariam elas baseadas em novas estratégias de promoção de vínculos sociais, de redes sociais?

Como hipótese geral, avançamos que nossa atualidade se organiza em torno de dois eixos mais destacados: o primeiro, a aversão ao risco, que envolve a própria vida e a de seus familiares, e que pode se manifestar em relação à saúde, aos acidentes, à violência, ao meio ambiente etc. Esse campo se definiria pelo cuidado de si como ética somática, mas que também pode se manifestar como vigilância de si, como um dever que controla um prazer, que delimita o que é permitido em função de riscos e suscetibilidades (sejam elas genéticas, ambientais, nutricionais...).

O segundo eixo seria o investimento nas capacidades próprias dos indivíduos, que se liga à condição produtiva desses, que envolve a vida de cada um como um poder de criação, inovação. Esse campo se definiria pelo uso de si, pela exploração de recursos imateriais como conhecimentos, competências, habilidades técnicas e afetivas, e que traduz o que entendemos como capital humano e social. Neste caso, pergunta-se sobre o que cada um pode, do que é capaz, em função de sua capacidade e de sua rede social.

**Palavras-chave:** Biopolítica, comunicação, biotecnologia, trabalho imaterial, redes sociais

